



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E
CONTABILIDADE – FEAAC
PROGRAMA DE ECONOMIA PROFISSIONAL – PEP

GERLANY DE ARAÚJO MARQUES

MOBILIDADE INTERGERACIONAL DE OCUPAÇÃO, EDUCAÇÃO E PADRÃO
DE VIDA NO BRASIL

FORTALEZA

2024

GERLANY DE ARAÚJO MARQUES

MOBILIDADE INTERGERACIONAL DE OCUPAÇÃO, EDUCAÇÃO E PADRÃO DE
VIDA NO BRASIL

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Economia Profissional – PEP, da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia. Área de Concentração: Economia do Setor Público.

Orientadora: Prof^a. Dra. Francisca Zilânia Mariano Sousa

Coorientadora: Prof^a. Dra. Lilian Lopes Ribeiro

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M317m Marques, Gerlany de Araújo.
Mobilidade intergeracional de ocupação, educação e padrão de vida no Brasil / Gerlany de Araújo
Marques. – 2024.
47 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia,
Administração, Atuária e Contabilidade, Mestrado Profissional em Economia do Setor Público,
Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Zilânia Mariano Sousa.

Coorientação: Profa. Dra. Lilian Lopes Ribeiro.

1. Mobilidade intergeracional. 2. Renda. 3. Ocupação. 4. Educação. I. Título.

CDD 330

GERLANY DE ARAÚJO MARQUES

MOBILIDADE INTERGERACIONAL DE OCUPAÇÃO, EDUCAÇÃO E PADRÃO DE
VIDA NO BRASIL

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Economia Profissional – PEP, da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia. Área de Concentração: Economia do Setor Público.

Aprovada em: **23 de fevereiro de 2024.**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Francisca Zilânia Mariano Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dra. Lilian Lopes Ribeiro (Coorientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dra. Guaracyane Lima Campelo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico a minha mãe, mulher guerreira, que mesmo sem ter tido acesso à educação, sempre fez de tudo para dar educação a seus 11 filhos, mostrando-nos sempre a importância da educação nas nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida.

A minha mãe, por todo amor e carinho, e por não medir esforços para oferecer educação a seus filhos.

Ao meu namorado, pelo apoio em todos os momentos, companheirismo, amor e cuidado.

A minha irmã, Geusa, prof^a Dra. em física, por me inspirar diariamente.

Aos meus demais familiares pelo apoio e carinho.

Aos amigos que vibram e se alegram com todas as minhas conquistas.

Aos companheiros de turma pela convivência fraterna.

As professoras: Francisca Zilania Mariano e Lilian Lopes Ribeiro, minhas orientadoras, pelo apoio incondicional, acolhimento, disponibilidade, dedicação, empatia, cuidado, respeito para comigo e com o nosso trabalho, e todo o conhecimento transmitido. Sem vocês me ajudando, apoiando, “segurando minha mão” esse trabalho não seria possível.

A todos os professores do CAEN e coordenação que participaram dessa linda jornada.

RESUMO

O presente estudo visa investigar a relação entre a mobilidade intergeracional ocupacional, educação e a mobilidade intergeracional de renda no Brasil, refletida no padrão de vida. Utilizando dados da Base *World Values Survey* referentes ao ano de 2018. O objetivo é analisar o comportamento da mobilidade intergeracional de ocupação e padrão de vida dos brasileiros, com base em informações sobre nível de escolaridade, ocupação, renda, raça, cor e sexo. Para alcançar esse propósito, será empregado um modelo *Logit* multinomial ordenado para capturar a mudança intergeracional no padrão de vida dos filhos, levando em consideração as mobilidades intergeracionais de ocupação e educação, além de outros fatores que possam impactar essa variável. Adicionalmente, pretende-se realizar uma análise de efeitos heterogêneos, considerando as condições sócio-ocupacionais e educacionais dos pais. Os resultados apontam que no Brasil os filhos que melhoraram o nível ocupacional e o nível educacional em relação ao de seus pais também melhoraram o seu padrão de vida, sendo que, a variável que reflete a melhoria na educação tem impacto superior no padrão de vida que a variável ocupação.

Palavras-chave: Mobilidade intergeracional. Renda. Ocupação. Educação.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the relationship between intergenerational occupational mobility, education and intergenerational income mobility in Brazil, reflected in the standard of living, using data from the Base World Values Survey for the year 2018. The objective is to analyze mobility behavior intergenerational analysis of occupation and standard of living of Brazilians, based on information on education level, occupation, income, race, color and sex. To achieve this purpose, an ordered multinomial logit model will be used to capture the intergenerational change in children's standard of living, taking into account intergenerational mobilities in occupation and education, in addition to other factors that may impact this variable. Additionally, we intend to carry out an analysis of heterogeneous effects, considering the socio-occupational and educational conditions of the parents. The results indicate that in Brazil, children who improved their occupational and educational level in relation to their parents also improved their standard of living, however, the variable that reflects the improvement in education has a greater impact on the standard of living than the variable occupation.

Keywords: Intergenerational mobility. Income. Occupation. Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estratos ocupacionais.....	23
Quadro 2 - Descrições das variáveis explicativas.....	24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características das variáveis intergeracionais.....	26
Tabela 2 - Características socioeconômicas dos Indivíduos.....	27
Tabela 3 - Características socioeconômicas dos indivíduos por mobilidade intergeracional do padrão de vida.....	29
Tabela 4 - Nível de padrão de vida por mobilidade intergeracional de ocupação e educação.....	30
Tabela 5 - Resultado da estimação do logit ordenado.....	31
Tabela 6 - Estimação do modelo por Mínimos Quadrados Ordinários Robustos.....	32
Tabela 7 - Efeitos Marginais a partir do Modelo Completo.....	34
Tabela 8 - Efeitos marginais – Condição inicial dos pais por Estratos de Ocupações.....	36
Tabela 9 - Efeitos marginais – Nivel Educacional dos pais.....	39

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IMDS	Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social
ISEP	Índice Socioeconômico Posicional
MQO	Métodos dos Mínimos Quadrados
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PBF	Programa Bolsa Família
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPV	Pesquisa sobre Padrões de Vida
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
WVS	<i>World Values Survey</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Mobilidade intergeracional de renda e de educação	14
2.2	Mobilidade intergeracional de ocupações	17
3	METODOLOGIA	21
4	RESULTADOS	26
4.1	Estatísticas descritivas	26
4.2	Estimação do modelo econométrico	30
4.2.1	<i>Robustez</i>	32
4.3	Efeitos heterogêneos	34
5	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

A economia brasileira ao longo da história tem sido marcada por elevados e persistentes níveis de desigualdade no processo de distribuição de renda. De acordo com o Relatório sobre as Desigualdades Mundiais (2022), a disparidade de renda no Brasil tem sido notável por sua intensidade, colocando-o entre os países mais desiguais do mundo. Os 10% mais privilegiados detêm cerca de 59% de todo o rendimento nacional, contrastando drasticamente com a parcela inferior da população (50% dos mais pobres), que recebe apenas cerca de 10% do rendimento nacional.

Segundo a pesquisa "O elevador social está quebrado? Como promover mobilidade social", levaria aproximadamente nove gerações para que os filhos de um brasileiro que se encontra entre os 10% mais pobres atingissem o nível médio de renda do país. Essa mesma estimativa é aplicável à África do Sul, e é apenas superada pela Colômbia, onde esse período de ascensão levaria 11 gerações (Relatório OCDE, 2018).

Em países onde as desigualdades de classe, gênero, raça e de oportunidades são latentes, as desvantagens sociais e econômicas enfrentadas pelos pais favorecem a perpetuação das condições de vida dos pais para os filhos. No Brasil, fatores estruturais, demográficos, educacionais, econômicos e o aumento da fluidez social vivenciado pela população nas últimas décadas contribuíram para a intensa mobilidade ocupacional e social das gerações dos filhos (Ribeiro, 2006).

Na literatura, a mobilidade social pode ser analisada de duas maneiras: de modo intergeracional e intrageracional. Segundo Oliveira e Hoffmann (2021), no enfoque intergeracional, as análises exploram as transições entre a ocupação atual de um indivíduo (destino) e a ocupação de seu pai no início de sua carreira (origem), destacando a dinâmica social entre diferentes gerações.

Já na mobilidade intrageracional, a atenção está nas mudanças alcançadas pelo indivíduo em sua própria geração, comparando sua ocupação atual (destino) com a ocupação inicial na carreira (origem) (Hoffmann, 2021). Os movimentos podem ser ascendentes (melhor destino que origem) ou descendentes (pior destino que origem), enquanto a permanência na posição inicial denota imobilidade. A avaliação também pode incluir mobilidade circular (trocas, substituições) e mobilidade estrutural (resultante de mudanças socioocupacionais e novas oportunidades no mercado de trabalho) (Pastore, 1979).

Assim, a mobilidade intergeracional socioeconômica diz respeito à conexão entre o *status* socioeconômico dos pais e a posição socioeconômica de seus filhos quando atingem a

idade adulta. Essa análise mede como a posição socioeconômica de uma geração está relacionada à posição socioeconômica de seus progenitores. Essa dinâmica tem sido examinada por meio de variáveis como renda, educação e ocupação (Tejeda *et al.*, 2015).

Na tentativa de compreender melhor esse fenômeno social, alguns autores buscaram estudar a mobilidade intergeracional no Brasil, considerando uma das três variáveis mencionadas acima. Dentre eles, destaca-se um estudo conduzido por Britto *et al.* (2022) sobre a mobilidade intergeracional de renda. Os autores concluíram que filhos de famílias pobres têm apenas 2,5% de chance de chegar ao topo no Brasil. Para os indivíduos pertencentes ao quintil mais pobre, 46,1% dos filhos têm alta probabilidade de permanecer na mesma situação de pobreza dos pais, enquanto apenas 2,5% têm a chance de ascender ao topo social em uma única geração. Já no quintil mais rico, 48,5% dos filhos tendem a manter-se ricos e apenas 4% enfrentam a possibilidade de descer para a base da pirâmide social.

No que tange à mobilidade educacional, Carrera, Caballe e Aurich (2018); Becker *et al.* (2018); Lião (2019); Garcias e Kassouf (2021); Weide *et al.* (2021), corroboraram que pais abastados tendem a investir mais na educação dos filhos se comparado com os pais pobres. E que a melhoria na mobilidade intergeracional de renda pode ser alcançada com o aumento dos anos de estudos. Já em relação a mobilidade sócio-ocupacional, Oliveira e Hoffmann (2018), demonstraram que no Brasil há uma considerável mobilidade sócio-ocupacional intergeracional, caracterizando uma sociedade dinâmica, na qual os movimentos ascendentes na estrutura social são superiores aos descendentes, indicando menor imobilidade.

Desta forma, esta dissertação busca contribuir com a literatura ao investigar a relação entre a mobilidade intergeracional de ocupação, educação e a mobilidade intergeracional de padrão de vida no Brasil, inovando o campo de pesquisas ao tratar da influência das variáveis ocupacionais e educacionais na renda (representada pelo padrão de vida) dos filhos em relação a de seus pais, tendo em vista que os trabalhos até agora desenvolvidos apresentaram a mobilidade intergeracional considerando a relação entre a variável renda com a ocupação, ou renda com educação, desconsiderando a análise conjunta.

Outro ponto inovador diz respeito à base de dados; se vê na literatura muitos trabalhos sobre mobilidade intergeracional no Brasil considerando dados da PNAD 1996 e 2014. Porém, neste estudo será considerado dados mais recentes da base *World Values Survey* para o ano de 2018. A compreensão da mobilidade intergeracional é essencial para analisar como as oportunidades e os recursos são distribuídos ao longo das gerações e como isso impacta a capacidade das famílias de melhorarem suas condições de vida.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é estudar o comportamento da mobilidade intergeracional de ocupação, educação e padrão de vida dos brasileiros, a partir de dados sobre nível de escolaridade, ocupação, renda, raça, cor e sexo, dentre outras variáveis. As questões centrais que orientam esta pesquisa são: i) Filhos que passaram para um estrato ocupacional melhor que o de seus pais melhoram o padrão de vida? ii) Em relação ao nível educacional, filhos que melhoram o nível educacional comparado a seus pais melhoraram o padrão de vida? iii) Qual efeito dessas mobilidades educacionais e ocupacionais sobre o padrão de vida comparadas as de seus pais?

Para tanto, será utilizado um modelo *Logit* multinomial ordenado de forma a capturar a mudança intergeracional no padrão de vida dos filhos, considerando as mobilidades intergeracionais de ocupação e educação, afora outros fatores que podem afetar esta variável. Além disso, pretende-se elaborar uma análise de efeitos heterogêneos.

A importância desse estudo se justifica pela sua relevância social, econômica, política e pelo impacto significativo que essa questão tem na sociedade, dado à ausência na literatura no âmbito nacional e internacional sobre a mobilidade intergeracional no Brasil utilizando de forma simultânea a influência das variáveis ocupação e educação no padrão de vida dos filhos em relação ao de seus pais.

Abordar as questões relacionadas a essa mobilidade é essencial para promover a equidade, melhorar a eficácia das políticas públicas e oferecer oportunidades igualitárias para as gerações presentes e futuras.

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos, além desta introdução. O segundo capítulo apresenta uma revisão de estudos sobre a mobilidade intergeracional ocupacional, educação e de renda, em níveis internacionais e nacionais; o terceiro apresenta os procedimentos metodológicos adotados para o alcance dos objetivos propostos; o quarto apresenta as análises e discussões dos dados; por último, apresenta-se as considerações finais do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A mobilidade intergeracional de ocupação e padrão de vida no mundo tem sido foco em diversos estudos, tanto no cenário nacional quanto internacional, pois reflete as dinâmicas socioeconômicas do país e suas implicações para a igualdade de oportunidades. Dentre esses estudos se destacam: Anthony e Yizhang (2019); Doruk, Yavuz e Pastore (2020); Oliveira (2018), Oliveira e Hoffmann (2021) e Ribeiro (2020). Esses estudos exploram como a ocupação e o padrão de vida das pessoas mudam ao longo de gerações e quais fatores contribuem para essas mudanças.

2.1 Mobilidade intergeracional de renda e de educação

Carrera, Caballe e Aurich (2018); Becker *et al.* (2018); Garcias e Kassouf (2021); Weide *et al.* (2021), analisaram como a mobilidade de renda intergeracional está endogenamente ligada à educação. Esses autores foram convergentes em suas análises concordando que pais ricos tendem a investir mais na educação dos filhos em comparação com os pais pobres e que o aumento dos anos de escolaridade pode melhorar a mobilidade intergeracional de rendimentos, conseqüentemente, melhorar a estrutura interna da distribuição de renda, promovendo assim a mobilidade dos estratos sociais.

Weide *et al.* (2021) analisaram a mobilidade intergeracional da educação em 153 países. As estimativas realizadas revelaram que a mobilidade relativa¹ é mais acentuada em nações mais pobres em comparação com as mais ricas. Isso porque nos países mais pobres os pais tendem a ter um baixo grau de escolaridade. À medida que os países aumentam o nível educacional, as disparidades entre os pais de diferentes classes sociais tornam-se mais evidentes, implicando em um elevado nível de mobilidade relativa.

Azomahou e Yitbarek (2020) ao examinarem a mobilidade intergeracional educacional em nações africanas subsariana, observaram uma notável melhoria nesse aspecto ao longo das últimas cinco décadas. Destacam-se países como Nigéria, Guiné, Gana e Uganda, que apresentaram os índices mais elevados de mobilidade intergeracional, enquanto Comores e Madagascar registraram os mais baixos. Comparativamente, a maioria dos países africanos demonstrou maior mobilidade educacional em nível de intergerações em relação às nações

¹ O autor considerou em sua análise o coeficiente de correlação entre os anos de estudos dos entrevistados e os anos de estudos de seus pais, medindo assim até que ponto a posição do indivíduo na distribuição é independente da posição de seus pais.

latino-americanas. Contudo, a mobilidade nessas nações africanas ainda é inferior àquela observada em países europeus, nos Estados Unidos e nos antigos países do Bloco Oriental.

Weide *et al.* (2021); Azomahou e Yitbarek (2020); Oloomi (2020), corroboraram com a assertiva de que há uma grande correlação entre o nível educacional dos pais com o de seus filhos. Sendo que as distorções de oportunidades de acesso à educação inibem a fluidez da mobilidade intergeracional educacional, e, conseqüentemente, impacta diretamente o nível de renda e ocupação da sociedade. Assim, faz-se necessário intervenções públicas com investimento de parte dos rendimentos nacionais de forma a compensar as desigualdades das oportunidades de acesso à educação.

Um estudo conduzido por Britto *et al.* (2022) sobre a mobilidade intergeracional de renda no Brasil utilizando dados diversos como: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - (PNAD), Censo Demográfico, Relação Anual de Informações Sociais – (RAIS), Cadastro Único de programas sociais e informações da Receita Federal, foi considerado uma amostra de dados de 1,3 milhão de pessoas nascidas entre 1988 e 1990, bem como seus respectivos pais. O estudo revelou uma forte correlação no Brasil entre o nível de renda dos filhos e o dos pais. No quintil mais pobre, 46,1% dos filhos têm alta probabilidade de permanecer na mesma situação de pobreza dos pais, enquanto apenas 2,5% têm a chance de ascender ao topo social em uma única geração. Já no quintil mais rico, 48,5% dos filhos tendem a manter-se ricos, e apenas 4% enfrentam a possibilidade de descer para a base da pirâmide social. Isso mostra a baixa mobilidade de renda no Brasil.

Cruz (2021) apresentou resultados sobre a evolução da transmissão de renda entre 1996 e 2014 para o Brasil, utilizando dados da PNAD e focando na relação entre a renda dos pais e dos filhos homens. Os achados corroboraram com a assertiva de que a renda dos pais continua a ser uma variável significativa para explicar as variações na renda dos filhos. Apesar do aumento notável da mobilidade estrutural e da redução da desigualdade educacional e de rendimentos do trabalho, a elasticidade intergeracional da renda para os homens caiu de 0.7560 em 1996 para 0.5292 em 2014. Mesmo assim, os números de 2014 colocam o Brasil atrás de países desenvolvidos, incluindo aqueles com menor mobilidade, como os Estados Unidos.

Ampliando o escopo de investigação, Andrade e Cruz (2023), a partir de dados da PNAD de 1989 e 2014, incluíram a renda das mães na análise. Os resultados apontaram que o grau de mobilidade de renda entre pais e filhos é mais pronunciado do que entre mães e filhos, com coeficientes de 0,56 (filho e pai), 0,60 (filha e pai), 0,48 (filho e mãe) e 0,27 (filha e mãe). O estudo sugere que essa disparidade na mobilidade se deve às persistentes desigualdades salariais entre homens e mulheres no Brasil.

O Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS) realizou uma pesquisa sobre a mobilidade de renda intergeracional, com ênfase nas políticas de transferência direta de renda, utilizando o Programa Bolsa Família (PBF) no período de 2005 a 2019. Foram utilizados um conjunto de dados administrativos: o Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), as Folhas de Pagamentos do Programa Bolsa Família e a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), Censo Demográfico e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O estudo considerou dependentes com idade entre 7 e 16 anos em 2005, acompanhando a evolução desses até 2019, quando tinham entre 21 e 30 anos, concluindo que 64% desses beneficiários em 2005 não estavam mais no programa em 2019. Além disso, 45% desses indivíduos teve pelo menos uma experiência no mercado formal de trabalho durante esse período, indicando uma relativa mobilidade social na base da distribuição de renda no Brasil para os beneficiários do PBF e sugerindo uma melhoria socioeconômica significativa para esse grupo.

Garcias e Kassouf (2021) realizaram um estudo a partir de uma base dados do inquérito sobre a transição escola trabalho (SWTS), da organização internacional do trabalho, para o ano de 2013, com informações de jovens entre 15 e 29 anos, os autores destacam a notável mobilidade educacional e ocupacional em nível intergeracional no Brasil, especialmente quando os pais possuem baixa escolaridade. Esses autores ressaltam que os rendimentos são significativamente impactados pela educação, especialmente para mulheres jovens. Cerca de 57% dos jovens com pais com apenas ensino primário alcançaram o ensino médio e 5% obtiveram graduação ou pós-graduação.

Arrais, Costa e Guimarães (2020) examinaram o impacto do histórico familiar nos rendimentos por meio da mediação da educação com base em dados da PNAD 2014. Eles concluíram que a forte dependência de renda entre pais e filhos em 2014 evidencia uma intensa transmissão de renda no Brasil. Parte dessa transmissão é atribuída à educação dos filhos, indicando que o aumento significativo na renda desses filhos está relacionado à obtenção de níveis mais elevados de escolaridade. Consequentemente, filhos de pais mais ricos têm maiores oportunidades de acesso à educação, o que se traduz em salários mais altos.

Araújo e Siqueira (2022) investigaram a mobilidade intergeracional com destaque na educação, usando dados da PNAD 2014 e comparando com resultados de 1996. Os resultados sugerem que houve um aumento no grau de mobilidade intergeracional educacional caracterizado por uma redução da persistência educacional dos pais com baixa escolaridade e aumento da persistência dos pais com mais escolaridade.

Mahlmeister *et al.* (2019), a partir de dados da PNAD 2014, considerando uma amostra de 9.707 homens entre 25 e 64 anos, ratificam os achados constatando que houve uma redução no coeficiente de persistência educacional, de 0,68 em 1996 para 0,48 em 2014, sendo mais pronunciada entre filhos de pais com baixa escolaridade. A análise por raça, região e condição do domicílio revelou diminuição da persistência em todos os grupos, reduzindo as disparidades entre brancos e negros, bem como áreas rurais e urbanas.

Corroborando com os estudos anteriores Gomes (2021) utilizando uma base de dados da PNAD 2014 e PNAD 2019, concluiu que, o nível educacional dos pais exerce influência sobre a instrução dos filhos, propiciando um potencial "ciclo vicioso da ignorância" quando os pais possuem baixa instrução e os filhos seguem essa trajetória educacional. Esse fenômeno é mais pronunciado entre os indivíduos economicamente desfavorecidos.

Para o autor, o impacto da herança ocupacional sobre os salários dos filhos é mais acentuado no menor estrato salarial, fortalecendo a "armadilha da pobreza". Jovens economicamente desprivilegiados muitas vezes enfrentam o dilema entre contribuir para a renda familiar seguindo os passos dos pais ou continuar seus estudos. Isso resulta na interrupção da formação acadêmica, levando-os a ingressar precocemente no mercado de trabalho em ocupações secundárias com menor remuneração, perpetuando um "ciclo vicioso da pobreza".

2.2 Mobilidade intergeracional de ocupações

Outro fator que pode impactar na mobilidade intergeracional da renda, além da mobilidade em educação, é a mobilidade intergeracional de ocupações. Doruk, Yavuz e Pastore (2020) investigaram a transmissão intergeracional ocupacional em seis economias latino-americanas negligenciadas, incluindo Brasil, Costa Rica, Equador, México, Panamá e Porto Rico. Concluíram que em todos esses países há uma alta transmissão ocupacional do pai para o filho, especialmente relacionada a empregos de baixa qualificação. Essa constatação reforça o baixo nível de mobilidade social característico da América Latina, o que, por sua vez, contribui para explicar sua taxa de crescimento reduzida.

Nybom (2018), constatou que a mobilidade sócio-ocupacional é geralmente mais restrita em países de baixo e médio rendimento, em comparação com os de rendimento elevado. Mesmo entre nações de rendimento semelhante, como os Estados Unidos com mobilidade limitada e os países nórdicos com altas taxas de mobilidade, existem disparidades significativas. Além disso, há uma correlação negativa entre os níveis de mobilidade e a desigualdade de renda, tanto em âmbito nacional quanto subnacional. As discrepâncias na mobilidade entre

países são atribuídas, em parte, às disparidades de habilidades, assim como a forma como os mercados de trabalho valorizam as habilidades e redistribuem os rendimentos.

Anthony e Yizhang (2019) investigaram as características específicas de sociedades em desenvolvimento, voltadas para os setores agrícolas e informais. Exploraram a mobilidade absoluta e a relativa no Chile, China, Egito e Índia, destacando semelhanças e diferenças nas taxas de mobilidade e interseccionalidade de gênero. Concluíram que apesar das disparidades culturais, esses países compartilham uma tendência notável de mobilidade ascendente superando a descendente, similar ao observado em países desenvolvidos como o Reino Unido.

A pesquisa identificou ainda que as desigualdades de gênero são proeminentes, especialmente na China, Egito e Índia, com taxas de mobilidade ascendente notavelmente mais baixas para mulheres em comparação com homens. A fluidez social geralmente é mais acentuada entre os homens, embora existam exceções, como a transmissão hereditária de pequenos cargos patronais. Isso contrapõe com os países desenvolvidos, onde as desigualdades de gênero nas taxas gerais de mobilidade são menos evidentes, exceto no acesso a posições de elite.

Zhuo, Ye e Ji (2021) verificaram a mobilidade ocupacional na China rural, e concluíram que o capital humano desempenha um papel fundamental nesse processo. Ao abranger três gerações por meio de Inquéritos de Desenvolvimento Rural Chinês, os resultados destacam que a educação e o treinamento em habilidades são variáveis chaves para a ascensão no status profissional dos agricultores. Essas variáveis também impactam a direção e a extensão da mobilidade ocupacional nos agregados familiares rurais. Em resumo, o estudo ressalta a importância do investimento em capital humano para impulsionar a mobilidade ocupacional nas áreas rurais da China.

No Brasil, Oliveira (2018), ao empregar o método de matrizes de transição ocupacional a partir de dados da PNAD de 2014 em comparação com 1996, concluiu que no Brasil há uma considerável mobilidade sócio-ocupacional intergeracional. Isso caracteriza uma sociedade dinâmica, na qual os movimentos ascendentes na estrutura social superam os descendentes, indicando menor imobilidade. Em 2014, aproximadamente 44,7% dos indivíduos vivenciaram mobilidade ascendente, enquanto 32,9% permaneceram estáticos e 22,4% desceram na estrutura social.

Quanto à mobilidade intrageracional,² embora demonstre um alto grau de fluidez social, os resultados revelam um aumento na rigidez da estrutura social de 1996 para 2014. A pesquisa também evidenciou uma mobilidade circular superior à estrutural³, tanto no aspecto intrageracional quanto no intergeracional. Além disso, constatou-se que a influência do status sócio-ocupacional do pai sobre o do filho é mais acentuada por meio de canais indiretos, como a educação do filho e o status da ocupação inicial.

Oliveira e Hoffmann (2021), a partir de um estudo com base nos dados da PNAD 2014, reafirmaram os resultados de Oliveira (2018), incorporando novas variáveis ao estudo, como a influência da migração e da cor dos indivíduos na mobilidade sócio-ocupacional. Apesar das transformações no mercado de trabalho no período analisado, a ascensão ou queda na estrutura sócio-ocupacional ocorreu predominantemente por meio da substituição e trocas entre posições de trabalho existentes, mobilidade circular. Os resultados indicaram que pessoas pretas e pardas enfrentam desafios superiores para ascender ocupacionalmente. Além disso, os migrantes exibem maior mobilidade em comparação aos não migrantes, sendo esse efeito positivo mais evidente entre os indivíduos negros.

Ribeiro (2020) investigou mudanças e permanências na persistência intergeracional de homens, mulheres, brancos e negros, utilizando um índice de status socioeconômico das ocupações de pais, mães, filhos e filhas. A partir de dados da Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV) de 1996 e da (PNAD) de 2014, o estudo destacou uma sólida correlação entre o status ocupacional dos pais na família de origem e o status alcançado por filhos e filhas na idade adulta. Essa relação variou notavelmente com base em fatores como raça, gênero e o arranjo familiar relacionado à ocupação dos pais.

Para o autor, a persistência intergeracional foi mais acentuada entre mulheres (filhas adultas) do que entre homens (filhos adultos). Ao analisar as diferenças na ocupação dos pais na família de origem, verificou-se que a associação entre origem e destino ocupacional diferiu entre brancos e negros que cresceram em famílias onde apenas a mãe tinha ocupação, comparadas a famílias onde tanto o pai quanto a mãe tinham ocupação. Importante notar que, nesse último caso, os brancos apresentaram vantagens em relação aos negros.

Diante do que foi exposto, percebe-se uma convergência entre os autores no que tange à renda dos pais que continua a ser uma variável significativa para explicar as variações

² É consensual entre os estudiosos os conceitos de mobilidade intrageracional e intergeracional. A primeira abrange as mudanças no status ocupacional do indivíduo ao longo de sua vida, enquanto a intergeracional analisa a influência do histórico familiar no status ocupacional, especialmente em relação a de seus pais.

³ Mobilidade estrutural ocorre quando há incremento de novas oportunidades de trabalho, mobilidade circular não há incrementos e sim substituições ou trocas de posições. (Pastore, 1979).

na renda dos filhos. Assim como o nível educacional dos pais exerce influência sobre o nível educacional dos filhos. No campo da mobilidade ocupacional e educacional juntas e suas influências sobre a renda, que é o foco do presente trabalho, há uma escassez de estudos sobre a temática, tanto no campo nacional como internacional. Assim, esse estudo busca contribuir com a literatura ao analisar a relação entre a mobilidade intergeracional ocupacional, educacional e a mobilidade intergeracional de renda no Brasil, representada pelo padrão de vida, utilizando dados da Base *World Values Survey* para o ano de 2018, buscando responder às questões centrais da presente pesquisa.

3 METODOLOGIA

Com o propósito de atender aos objetivos levantados optou-se por uma estrutura metodológica por meio da formulação de um modelo econométrico de escolha discreta policotômica ordenado. A adequação na escolha de um modelo multinomial ordenado é justificada pelo fato de buscar determinar os fatores que afetam a mobilidade intergeracional do padrão de vida dos filhos comparados com os de seus pais. O modelo é especificado a partir de uma relação linear entre uma variável latente contínua Y e um vetor de regressores, o qual assume a seguinte forma geral:

$$Y = \sum_{i=1}^k \beta_i X_i + \varepsilon = \beta'X + \varepsilon \quad (1)$$

Onde Y representa a mobilidade intergeracional do padrão de vida dos filhos para o Brasil no ano de 2018, com base na seguinte pergunta: “Comparando seu padrão de vida com o padrão de vida de seus pais quando eles tinham mais ou menos a sua idade, você diria que está melhor, pior ou o mesmo?”. Assim, a variável assume os seguintes valores:

$$Y = \begin{cases} 1, & \text{se o padrão de vida piorou} \\ 2, & \text{se o padrão de vida permaneceu} \\ 3, & \text{se o padrão de vida melhorou} \end{cases} \quad (2)$$

β é um vetor de parâmetros; X , um vetor de variáveis explicativas e ε é o erro aleatório. Dentre as variáveis que compõem o vetor X , ressaltam-se as que buscam captar a mobilidade intergeracional de ocupação e a mobilidade intergeracional de educação dos filhos.

Dessa forma, este modelo possibilita estimarem-se probabilidades de Y assumir os valores 1, 2 e 3, com base na hipótese da distribuição logística, as quais são dadas por:

$$Pr(Y = 1) = Pr(\beta'X + \varepsilon \leq \theta_1) = Pr(\varepsilon \leq \theta_1 - \beta'X) = \Gamma(\theta_1 - \beta'X) = \frac{1}{1 + e^{(\beta'X - \theta_1)}} \quad (3)$$

$$Pr(Y = 2) = Pr(\theta_1 - \beta'X < \varepsilon \leq \theta_2 - \beta'X) = \frac{1}{1 + e^{(\beta'X - \theta_2)}} - \frac{1}{1 + e^{(\beta'X - \theta_1)}} \quad (4)$$

$$\begin{aligned} Pr(Y = 3) &= Pr(\beta'X + \varepsilon > \theta_2) = Pr(\varepsilon > \theta_2 - \beta'X) = 1 - \Gamma(\theta_2 - \beta'X) \\ &= 1 - \frac{1}{1 + e^{(\beta'X - \theta_2)}} \end{aligned} \quad (5)$$

Os efeitos marginais das variáveis, que tem como finalidade fornecer os impactos sobre a probabilidade Y assumir os três níveis de mobilidade intergeracional, são calculados como seguem:

$$\frac{\partial Pr(Y = 1)}{\partial x} = \frac{d}{d\beta'x} [\Gamma(\theta_1 - \beta'x)] \frac{\partial \beta'x}{\partial x} = -\Gamma(\theta_1 - \beta'x)\beta \quad (6)$$

$$\begin{aligned} \frac{\partial Pr(Y = 2)}{\partial x} &= \frac{d}{d\beta'x} [\Gamma(\theta_2 - \beta'x) - \Gamma(\theta_1 - \beta'x)] \frac{\partial \beta'x}{\partial x} \\ &= [\Gamma(\theta_2 - \beta'x) - \Gamma(\theta_1 - \beta'x)]\beta \end{aligned} \quad (7)$$

$$\frac{\partial Pr(Y = 3)}{\partial x} = \frac{d}{d\beta'x} [1 - \Gamma(\theta_2 - \beta'x)] \frac{\partial \beta'x}{\partial x} = \Gamma(\theta_2 - \beta'x)\beta \quad (8)$$

Uma vez que a variável que denota a mobilidade intergeracional na ocupação e na educação é discreta do tipo binária (ver Quadro 2), o tratamento ao efeito marginal é diferenciado das variáveis contínuas e poderia ser expresso por Efeito Marginal:

$$Prob[Y = j/\bar{X}; D = 1] - Prob[Y/\bar{X}; D = 0], j = 1,2,3 \quad (9)$$

Em que X denota os valores predeterminados de todas as variáveis no modelo, os quais são especificados em suas médias. Este efeito mede a mudança na probabilidade prevista.

Para construir a variável que representará a mobilidade intergeracional de ocupação será considerado o procedimento de Jannuzzi (2001, 2003) para reagrupar as ocupações em apenas cinco estratos sócio-ocupacionais (quadro 1), fazendo uma adequação as classificações ocupacionais disponíveis na base da *World Values Serve*, a partir de indicadores de renda, escolaridade e nível de precarização ocupacional, onde estes foram organizados com base no índice socioeconômico posicional (ISEP), na ordenação das ocupações proporcionada pelos índices socioeconômicos, na tipologia de grupos ocupacionais de Valle Silva (1992) e na proposta metodológica de estratificação social segundo grupos ocupacionais de Goldthorpe (1992). Após a reagrupação das ocupações dos filhos e dos pais nos cinco estratos, será criada uma variável binária que identifique os filhos que passaram para um estrato superior comparado ao de seus pais.

O primeiro segmento abrange profissões em cargos de liderança, direção ou com especialização técnica avançada. O segundo segmento é composto por pequenos proprietários, chefes, supervisores e empregados qualificados em funções de escritório, bem como técnicos com especialização intermediária na indústria e serviços. O terceiro segmento engloba a maioria das ocupações no setor de Comércio, Serviços, e cargos qualificados na Indústria. O quarto

grupo socioeconômico inclui os trabalhadores em serviços de baixa qualificação nas áreas de serviços, construção civil, e indústria tradicional. Na última categoria, estão reunidos os trabalhadores rurais, juntamente com as ocupações urbanas de baixo *status*, caracterizadas por remunerações e níveis de escolaridade mais baixos, além de uma considerável precariedade no mercado de trabalho.

Quadro 1 – Estratos Ocupacionais

Estratos	Ocupações seguindo Januzzi (2001, 2003)	Categorias na Base <i>World Values Survey</i>
1	Médicos, engenheiros, professores universitários, empresários, gerentes e postos superiores na administração pública (juízes, promotores, delegados, oficiais das forças armadas, etc.);	1 Profissional e técnico (por exemplo: médico, professor, engenheiro, artista, contadora, enfermeira); 2 Superior administrativo (por exemplo: banqueiro, executivo em grandes empresas, funcionário do governo, funcionário do sindicato);
2	Técnicos de contabilidade e administração, mestre e contramestres na indústria, professores de ensino fundamental e médio, corretores de imóveis, inspetores de polícia, carteiros, comerciantes (proprietários) e agricultores;	3 Escriturário (por exemplo: secretário, balconista, gerente de escritório, funcionário público, Contador);
3	Torneiro mecânico, montadores de equipamentos elétricos, vendedores, operadores de caixa, comerciantes conta-própria, professores de ensino pré-escolar, motoristas, inspetores de alunos, auxiliares de enfermagem, auxiliares administrativos e de escritório, policiais e praças das forças armadas;	4 Vendas (por exemplo: gerente de vendas, dono de loja, balconista, seguradora agente, comprador); 5 Serviço (por exemplo: dono de restaurante, policial, garçom, barbeiro, zelador); 6 Trabalhador qualificado (por exemplo: capataz, mecânico de automóveis, impressor, costureira, fabricante de ferramentas e moldes, eletricitista);
4	Ocupações da indústria de alimentos, da indústria têxtil, pedreiros, pintores, garçons, vigias, porteiros, estivadores;	7 Trabalhador semiqualificado (por exemplo: pedreiro, motorista de ônibus, trabalhador de fábrica de conservas, carpinteiro, metalúrgico, padeiro);
5	Trabalhadores rurais, além das ocupações urbanas de baixo status, como a de serventes de pedreiro, lavadeiras, empregadas domésticas e lixeiros.	8 Trabalhador não qualificado (por exemplo: operário, porteiro, operário fabril não qualificado, limpador); 9 Trabalhador rural (por exemplo: trabalhador rural, tratorista).

Fonte: Elaboração própria.

Para a mobilidade intergeracional em educação será criada uma variável binária que identifica os filhos que melhoraram o nível educacional, considerando as seguintes categorias:

0 Educação infantil (CITE 0) / sem educação; 1 Educação primária (CITE 1); 2 Ensino secundário inferior (CITE 2); 3 Ensino secundário superior (CITE 3); 4 Ensino pós-secundário não superior (CITE 4); 5 Ensino superior de ciclo curto⁴ (CITE 5); 6 Bacharel ou equivalente (ISCED 6); 7 Mestrado ou equivalente (CITE 7); 8 Doutorado ou equivalente (CITE 8).

Quadro 2 – Descrições das variáveis explicativas

Variáveis	Descrição
Dependente	
Mobilidade Intergeracional de padrão de vida	Multinomial: 1 – Piorou; 2 – Permaneceu; 3 – Melhorou
Explicativas	
Variáveis Intergeracionais	
Melhor estrato ocupacional	Binária: 1 se o filho pertence a um estrato melhor comparado ao do seu pai; 0 caso contrário.
Igual estrato ocupacional	Binária: 1 se o filho permanece no mesmo estrato ocupacional comparado ao do seu pai; 0 caso contrário.
Melhor nível educacional	Binária: 1 que identifica os filhos que melhoraram o nível educacional; 0 caso contrário.
Igual nível educacional	Binária: 1 se o filho permanece no mesmo nível educacional comparado ao do seu pai; 0 caso contrário.
Estratos ocupacionais dos filhos	
Estrato 01	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 01.
Estrato 02	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 02.
Estrato 03	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 03.
Estrato 04	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 04.
Estrato 05	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 05.
Desc_sup	Binária: 1 se o indivíduo possui pelo menos o ensino superior de ciclo curto; 0 caso contrário.
Sexo	Binária: 1 se o indivíduo do sexo masculino; 0 caso contrário.
Raça (brancos)	Binária: 1 se o indivíduo é de cor branca; 0 caso contrário.
Casado	Binária: 1 se o indivíduo é casado; 0 caso contrário.
Idade	Idade do indivíduo
Número de Filhos	Número de Filhos

Continua

⁴ A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) definiu os Ciclos Curtos do Ensino Superior como educação pós secundária de curta duração, com uma forte componente vocacional.

Quadro 2 – Descrições das variáveis explicativas

Variáveis	Descrição
Regiões	
Norte	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Norte; 0 caso contrário.
Nordeste	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Nordeste; 0 caso contrário.
Sul	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Sul; 0 caso contrário.
Sudeste	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Sudeste; 0 caso contrário.
Centro-Oeste	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Centro-Oeste; 0 caso contrário.

Fonte: Elaboração própria.

Esta pesquisa examinou a mobilidade intergeracional de ocupações, educação e renda no Brasil, buscando verificar se houve melhoria no padrão de vida dos indivíduos em relação ao de seus pais, utilizando dados da Base *World Values Survey* para o ano de 2018. A *WVS* é uma rede internacional de pesquisadores sociais que por mais de três décadas conduz estudos sobre aspectos sociocultural e econômico em quase cem nações. Seu objetivo é auxiliar tanto os acadêmicos quanto os responsáveis pela formulação de políticas a compreender as transformações nas crenças, nos valores e nas motivações das pessoas.

A amostra resultante foi constituída a partir de características sociais, econômicas e demográficas dos indivíduos, cujas caracterizações dos valores médios das variáveis utilizadas no modelo encontram-se nas Tabelas apresentadas na próxima seção. Optou-se por considerar indivíduos entre 15 e 65 anos de idade, considerando uma faixa etária economicamente ativa e foram excluídos os indivíduos que nunca tiveram emprego e os proprietários de fazenda. É oportuno salientar que o recorte populacional adotado neste estudo é devido às limitações de mensuração para esses indivíduos.

4 RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados obtidos através da amostra objeto deste trabalho quanto às estatísticas descritivas e às estimativas do modelo econométrico. As tabulações estão apresentadas em forma de tabelas. As Tabelas de 1 a 4 apresentam a estatística descritiva das variáveis. A Tabela 1 apresenta as características das variáveis intergeracionais, comparando ao status sociocupacional dos filhos com relação ao de seus pais; a Tabela 2 apresenta as características socioeconômicas dos indivíduos da amostra, considerando os estratos ocupacionais e as variáveis de controle, sexo, raça, idade, casado, número de filhos e regiões; a Tabela 3 apresenta as características socioeconômicas dos indivíduos por mobilidade intergeracional do padrão de vida e a 4 e última Tabela apresenta o nível de padrão de vida por mobilidade intergeracional de ocupação e educação.

4.1 Estatísticas descritivas

Considerando as variáveis intergeracionais de ocupação, educacionais e em relação ao padrão de vida, observa-se que, a partir da pergunta indicada na seção anterior, 11,16% dos indivíduos da amostra final pioraram o seu padrão de vida em relação ao de seus pais, enquanto 19,02% permaneceram na mesma posição e 69,82% melhoraram.

No que tange à ocupação, considerando os cinco estratos socioocupacionais criados por Januzzi (2001, 2003), fazendo uma correspondência com as categorias disponíveis na base *World Values Survey*, e comparado aos estratos dos pais, 40,79% melhoraram de estrato ocupacional, ou seja, experimentaram a mobilidade ocupacional ascendente e 44,38% permaneceram no mesmo estrato que o de seus pais. Assim, é possível perceber que mais de 80% dos indivíduos permaneceram ou migraram para estratos superior ao de seus pais. Logo, menos de 20% descenderam.

Em relação ao nível educacional, pode-se observar que, aproximadamente 97% dos indivíduos permaneceram ou melhoraram a educação comparado a seus pais, já que, 72% possuem o mesmo nível e 25% passaram para nível mais elevado. Logo, apenas 3% pioraram.

Tabela 1 – Características das variáveis intergeracionais

Variáveis	Proporção (%)
Padrão de vida	
Pioraram	11,16
Permaneceram	19,02

Continua

Conclusão

Tabela 1 – Características das variáveis intergeracionais

Variáveis	Proporção (%)
Padrão de vida	
Melhoraram	69,82
Intergeracional de Ocupações	
Melhor estrato ocupacional	40,79
Igual estrato ocupacional	44,38
Intergeracional de educação	
Igual nível educacional	71,77
Melhor nível educacional	25,15

Fonte: Elaboração própria.

A partir das informações constantes na Tabela 2, verifica-se uma concentração dos filhos que estão em ocupações pertencentes ao estrato mediano, estrato 3, em média 40,35% ocupam vagas, tais como: vendas, dono de restaurante, policial, garçonne, barbeiro, zelador, capataz, mecânico de automóveis, impressor, costureira, fabricante de ferramentas e moldes e eletricitista. Enquanto 31,26%, em média, ocupam os estratos mais baixos, que são representados por ocupações de níveis de remunerações e escolaridade mais baixos. No que tange aos estratos maiores, destacados por ocupações com melhores níveis de escolaridade e, conseqüentemente, melhores rendimentos, em média, apenas 28,38% dos filhos estão nessas ocupações.

Quanto ao nível educacional, em média, 18,28%, possui pelo menos o ensino superior de ciclo curto. Já para a variável sexo, 51,90% são do sexo masculino. Para raça, 44,43% são representados por brancos. Os indivíduos da amostra têm em média 41 anos, 93,54% são casados e têm cerca de 2 filhos. Verificando as características quanto às regiões, 39,59% pertencem ao Sudeste, 25,02% no Nordeste, 21,47% no Sul e 10,03% e 3,87% no Norte respectivamente.

Tabela 2 – Características socioeconômicas dos Indivíduos

Variáveis	Média
Estrato ocupações dos indivíduos	
Estrato 01	13,27%
Estrato 02	15,11%
Estrato 03	40,35%
Estrato 04	12,15%
Estrato 05	19,11%
Desc_sup	18,28%
Sexo_masc	51,90%
Raça_Branco	44,43%
Idade	40,8
Casado	93,54%
Número de Filhos	1,8

Continua

Conclusão

Tabela 2 – Características socioeconômicas dos Indivíduos

Variáveis	Média
Regiões	
Norte	3,87%
Nordeste	25,02%
Sul	21,47%
Sudeste	39,59%
Centro-oeste	10,03%

Fonte: Elaboração própria.

Analisando as características socioeconômicas dos indivíduos por mobilidade intergeracional do padrão de vida dos indivíduos, a partir das informações constantes na Tabela 3, tem-se o seguinte: considerando os indivíduos que melhoraram o padrão de vida, 42,75% melhoraram o seu estrato ocupacional e 45,26% permaneceram no mesmo estrato se comparado com o estrato de seus pais. Logo, mais de 88% dos filhos que melhoraram o padrão de vida estavam na mesma ou em melhor ocupação de que seus pais quando tinham sua idade.

No que tange à educação, dentre os que melhoraram o padrão de vida, 74,69% melhoraram o seu nível educacional, e 25,46% permaneceram no mesmo nível educacional que seus pais. Dentre os que permaneceram no mesmo padrão de vida 62,39% alcançaram o melhor nível educacional. Cabe destacar que, dentre os indivíduos que pioraram as condições de vida, mais de 70% melhoraram o nível educacional comparado ao de seus pais, todavia, esta análise não considera a condição inicial de educação dos pais, ou seja, é possível que dentre os que pioraram, o nível educacional dos pais já seja baixo e que mesmo uma pequena melhora na educação não tenha sido o suficiente para mudar as condições socioeconômicas.

Em relação aos extratos ocupacionais, considerando os indivíduos que melhoraram o padrão de vida, 13,90% estavam em ocupações pertencentes ao estrato 01, ou seja, ocupações com maiores rendimentos e que exigem maior nível educacional, 14% pertencem ao estrato 02, 39,02% ao estrato mediano, 11,64% e 21% ocupam os estratos inferiores, aqueles que exigem menor nível educacional e menores salários, (extratos 4 e 5 respectivamente).

Quanto ao sexo, 51,21% dos que melhoraram o padrão de vida são homens. Para a variável raça, 46,93% são brancos. Para os que pioraram 49,97% são do sexo masculino e 39,61% são brancos.

Para a variável idade, para os três níveis de padrão de vida percebe-se uma semelhança na idade média, que é de 40. No que tange ao estado civil, 86,32% dos que pioraram o padrão de vida são casados, em contrapartida dentre os que melhoraram o padrão de vida

94,78% são casados. Verificando a variável número de filhos para as três situações: melhor, igual e pior tem-se uma média de 1,8 filhos.

Levando a análise para a variável regiões, percebe-se que entre os que melhoraram o padrão de vida a maioria, 34,99% estão no Sudeste, seguido da região Nordeste com 28,91%. Para os que pioraram há uma concentração na região Sudeste, com 55,23%.

Na tabela 4 adiante será analisado o nível de padrão de vida por mobilidade intergeracional de ocupação e educação.

Tabela 3 – Características socioeconômica dos indivíduos por mobilidade intergeracional do padrão de vida

Variáveis	Padrão de vida		
	Pior	Igual	Melhor
Melhor estrato ocupacional	30,75%	39,49%	42,75%
Igual estrato ocupacional	48,36%	38,84%	45,26%
Melhor nível educacional	79,97%	62,39%	74,69%
Igual nível educacional	13,23%	31,01%	25,46%
Estrato ocupações dos indivíduos			
Estrato 01	11,43%	12,02%	13,90%
Estrato 02	16,08%	18,63%	14,00%
Estrato 03	39,91%	45,5%	39,02%
Estrato 04	13,73%	13,13%	11,64%
Estrato 05	18,84%	10,72%	21,44%
Desc_sup	23,22%	22,24%	16,41%
Sexo_masc	49,97%	55,57%	51,21%
Raça_Branco	39,61%	38,08%	46,93%
Idade	40,54	39,84	41,10
Casado	86,32%	93,25%	94,78%
Número de Filhos	1,85	1,76	1,81
Regiões			
Norte	7,08 %	6,99%	2,50%
Nordeste	15,12%	16,55%	28,91%
Sul	8,87%	18,32%	24,34%
Sudeste	55,23%	47,28%	34,99%
Centro-oeste	13,67%	10,84%	24,34%

Fonte: Elaboração própria.

A partir das informações extraídas da tabela 4, para a variável mobilidade ocupacional intergeracional, depreende-se que dado quem melhorou o estrato ocupacional em relação ao estrato de seus pais, 73,17%, também melhorou o padrão de vida, 18,42% permaneceram no mesmo padrão de vida e apenas 8,41% pioraram. Já para quem permaneceu no mesmo estrato ocupacional que o de seus pais 71,19% melhoraram o padrão de vida, 16,65% permaneceram com padrão de vida inalterado e 12,16% pioraram. Quem piorou de estrato

ocupacional 15,72% também piorou de padrão de vida, 27,80% permaneceram com o mesmo padrão de vida de seus pais e 56,47% melhoraram de padrão de vida.

Para a variável mobilidade intergeracional educacional percebe-se que 71,03% de quem melhorou de nível educacional também melhorou o padrão de vida, enquanto 12,44% de quem melhorou o nível educacional piorou o seu padrão de vida. Para quem piorou o nível educacional 40,77% permaneceram no mesmo padrão de vida que seus pais, 34,58% melhoraram o padrão de vida e 24,65% pioraram.

Tabela 4 – Nível de padrão de vida por mobilidade intergeracional de ocupação e educação

Variáveis condicionais	Padrão de vida		
	Pior	Igual	Melhor
Melhor estrato ocupacional	8,41%	18,42%	73,17%
Igual estrato ocupacional	12,16%	16,65%	71,19%
Pior estrato ocupacional	15,72%	27,80%	56,47%
Melhor nível educacional	12,44%	16,54%	71,03%
Igual nível educacional	5,87%	23,45%	70,68%
Pior nível educacional	24,65%	40,77%	34,58%

Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se uma relação direta entre melhoria no estrato ocupacional e melhoria do nível de educação com um aumento do nível de padrão de vida dos filhos se comparados com o de seus pais, corroborando com os achados de Araújo e Siqueira (2022), a partir de um estudo comparando a evolução dos dados da PNAD 1996 e 2014, corroboraram que a transmissão intergeracional da educação tem um papel importante sobre a desigualdade de renda.

4.2 Estimação do modelo econométrico

Os resultados da estimativa dos modelos estão apresentados na Tabela 5. Optou-se por estimar três modelos considerando inicialmente apenas as variáveis intergeracionais de ocupações (modelo 1), em seguida, foram incluídas as variáveis intergeracionais de educação (modelo 2) e por fim, todas as variáveis descritas no Quadro 2 foram inseridas. Os coeficientes foram estimados de forma robusta, indicando que a matriz de variância-covariância foi ajustada com base no erro da regressão robusta.

Observa-se que a estimativa da variável que indica se o filho está inserido em estrato ocupacional melhor do que o de seus pais permanece significativa nos três modelos, indicando que esta se mostra robusta à inserção de outras variáveis. No entanto, a variável que representa a igualdade intergeracional de ocupações passou a ser insignificante no modelo 3. Referente às variáveis de mobilidade educacional entre pais e filhos, constata-se que esta permanece

significante nos modelos nas quais elas foram inseridas, mostrando assim, a importância da presença destas variáveis na estimação de um modelo intergeracional de padrão de vida.

Referente às demais variáveis de controle, apenas as variáveis que indicam se o indivíduo é casado, se possui pelo menos o ensino superior de ciclo curto e se mora nas regiões Nordeste e Sul foram estatisticamente significantes. A significância da regressão foi confirmada pelo teste de Wald, evidenciado pela estatística Qui-quadrado, cujo nível de significância foi um valor-p próximo a zero, rejeita a hipótese de que todos os coeficientes da regressão sejam iguais a zero. Os sinais dos coeficientes estão em conformidade com as expectativas teóricas, destacando-se o efeito positivo das variáveis intergeracionais de ocupação e educação sobre a probabilidade de os indivíduos melhorarem seu padrão de vida comparado ao de seus pais.

Tabela 5 – Resultado da estimação do logit ordenado

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
interocup_melhor	0,7193*** (0,3033)	0,6461** (0,3158)	0,5845* (0,3203)
interocup_igual	0,5818*** (0,3026)	0,5078* (0,3125)	0,4601 (0,3191)
intereduc_melhor		1,1207** (0,5139)	1,1541** (0,5026)
intereduc_igual		1,2459** (0,5300)	1,4500*** (0,5127)
Esc_sup			-0,5127* (0,3019)
Sexo (Masc)			-0,2150 (0,2372)
Casado			0,8708* (0,4512)
Branco			0,2532 (0,2393)
Idade			0,0064 (0,0101)
Num_filhos			-0,0532 (0,0958)
NE			1,4983*** (0,6122)
CO			0,8239 (0,6122)
SE			0,4673 (0,5024)
SUL			1,3638** (0,5609)

Fonte: Elaboração própria.

Notas: (1) Modelo 1: inclui apenas as variáveis intergeracional de ocupação; Modelo 2: Acrescenta as variáveis intergeracional de educação; Modelo 3: Modelo completo com todos os controles.

(2) Os desvio-padrão estão entre parêntese; (3) *** p-valor < 0,01, ** p-valor < 0,05, * p-valor < 0,1.

4.2.1 Robustez

Esta seção foi elaborada para testar a robustez dos resultados, ou seja, buscou-se elaborar outras estimações para analisar se os resultados são sensíveis ao tipo de modelo escolhido. A Tabela 9 apresenta os resultados do modelo estimado por Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Observa-se que a significância dos coeficientes foi mantida em relação ao modelo geral apresentado na Tabela 5, corroborando o efeito positivo das variáveis intergeracionais de ocupação e educação sobre a probabilidade de os indivíduos melhorarem seu padrão de vida comparado ao de seus pais. Dessa forma, a significância dos resultados apresenta-se robustos ao tipo de modelo estimado.

Tabela 6 – Estimação do modelo por Mínimos Quadrados Ordinários Robustos

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
interocup_melhor	0.2401* (0.1108)	0.2282** (0.1135)	0.2043 * (0.1100)
interocup_igual	0.1828 (0.1126)	0.1687 (0.1142)	0.1517 (0.1118)
intereduc_melhor		0.4382 * (0.2358)	0.4402 ** (0.2169)
intereduc_igual		0.5199** (0.2383)	0.5622** (0.2185)
Desc_sup			-0.1541 (0.0995)
Sexo (Masc)			-0.0488 (0.0712)
Casado			0.3043* (0.1612)
Branco			0.0749 (0.0714)
Idade			0.0010 (0.0029)
Num_filhos			-0.0141 (0.0293)
NE			0.4807 ** (0.2132)
CO			0.2946 (0.2408)
SE			0.1968 (0.2121)
SUL			0.4677 *** (0.2176)

Continua

Tabela 6 – Estimação do modelo por Mínimos Quadrados Ordinário Robusto

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
Constante	2.4074 (0.0991)	1.9732 (0.2319)	1.3679 (0.3275)

Fonte: Elaboração própria.

Notas: (1) Modelo 1: inclui apenas as variáveis intergeracional de ocupação; Modelo 2: Acrescenta as variáveis intergeracional de educação; Modelo 3: Modelo completo com todos os controles.

(2) Os desvio-padrão estão entre parêntese; (3) *** p-valor < 0,01, ** p-valor < 0,05, * p-valor < 0,1.

Para estimação dos efeitos marginais, considerou-se o modelo completo (modelo 3), cujos resultados das variáveis explicativas sobre a probabilidade do indivíduo se enquadrar nos três níveis intergeracionais de padrão de vida estão apresentados na Tabela 6.

Conforme antecipado, a probabilidade de o indivíduo melhorar o padrão de vida comparado ao de seus pais aumenta com a melhoria dos estratos ocupacionais. Em outras palavras, ocupar postos de trabalhos diferentes e que pertencem a estratos mais conceituados ao de seus pais têm o efeito de melhorar as condições de vida dos filhos. Assim, esta variável reduz a probabilidade do indivíduo piorar o padrão de vida em, aproximadamente, 5 pontos percentuais e aumenta a probabilidade de melhorar de vida em 11,6 p.p.. Já os indivíduos que permanecem no mesmo estrato ocupacional que de seus pais, sua probabilidade de melhorar o padrão de vida aumenta em 9 p.p. e reduz em aproximadamente 4 p.p a probabilidade de piorar o seu padrão de vida.

Para a “varável” educação, os filhos com melhor nível educacional que de seus pais aumentam a probabilidade de melhorar o padrão de vida em 25 p.p. e reduz a probabilidade de piorar o padrão de vida em 12 p.p.. Essa evidência corrobora com os achados por Carrera, Caballe e Aurich (2018); Becker *et al.* (2018); Garcias e Kassouf (2021); Weide *et al.* (2021), que concluíram que o aumento dos anos de escolaridade pode melhorar a mobilidade intergeracional de rendimentos, conseqüentemente, melhorar a estrutura interna da distribuição de renda, promovendo assim a mobilidade dos estratos sociais.

Para as variáveis de controle, se o indivíduo for casado a probabilidade em melhorar o padrão de vida aumenta em 20 p.p.; para os indivíduos que moram da Região Nordeste e Sul a probabilidade em elevar o padrão de vida aumenta em 25,26 p.p. e 22,83 p.p. respectivamente, e a probabilidade de piorar reduz em 10p.p. e 9p.p. respectivamente.

Tabela 7 – Efeitos Marginais a partir do Modelo Completo

Variáveis	$\frac{\partial Pr(Y = 1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 3)}{\partial x}$
interocup_melhor	-0,0483* (0,0264)	-0,0678* (0,0363)	0,1161 * (0,0616)
interocup_igual	-0,0388 (0,0267)	-0,0538 (0,0371)	0,0926 (0,0631)
intereduc_melhor	-0,1230* (0,0652)	-0,1308** (0,0519)	0,2538 ** (0,1141)
intereduc_igual	-0,0968*** (0,0297)	-0,1495*** (0,04419)	0,2463*** (0,0698)
Desc_sup	0,0502 (0,0336)	0,0608* (0,0359)	-0,1111 (0,0686)
Sexo(Masc)	0,0184 (0,0202)	0,0253 (0,0282)	-0,0437 (0,0482)
Casado	-0,1011 (0,0679)	-0,0990 ** (0,0452)	0,2002* (0,1109)
Branco	-0,0215 (0,0201)	-0,0298 (0,0282)	0,0513 (0,0480)
Idade	-0,0005 (0,0008)	-0,0007 (0,0012)	0,0013 (0,0020)
Num_filhos	0,0045 (0,0082)	0,0062 (0,0113)	- 0,0108 (0,0195)
NE	-0,0992*** (0,0307)	-0,1534 *** (0,0476)	0,2526*** (0,0743)
CO	-0,0545* (0,0307)	-0,0881 (0,0571)	0,1427* (0,0867)
SE	-0,0386 (0,0406)	-0,0544 (0,0574)	0,0931 (0,0977)
SUL	-0,0883*** (0,0300)	-0,1399*** (0,0474)	0,2283 *** (0,0741)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: *** p-valor < 0,01, ** p-valor <0,05, * p-valor <0,1.

Portanto, percebe-se que o efeito intergeracional de educação sobre a renda (padrão de vida) é superior ao intergeracional de ocupação sobre o padrão de vida dos indivíduos. Para Britto (2022), a educação é uma variável central na determinação da renda futura das crianças. Para Carrera, Caballe e Aurich (2018); Becker *et al.* (2018); Garcias e Kassouf (2021); Weide *et al.* (2021), a mobilidade de renda intergeracional está endogenamente ligada à educação.

4.3 Efeitos heterogêneos

A importância de elaborar uma análise de efeitos heterogêneos é verificar se os resultados para grupos específicos permanecem ou diferem comparados ao modelo geral com toda a amostra. Neste caso, optou-se por considerar duas análises, partindo da condição inicial

dos pais, referentes aos estratos ocupacionais e aos níveis educacionais. Assim, a tabela 7 apresenta os efeitos marginais das variáveis para dois grupos de indivíduos: pessoas cujos pais pertenciam aos estratos 1 e 2 (grupo 1) e indivíduos cujos pais pertenciam aos estratos 4 ou 5 (grupo 2). Para os filhos cujos pais estavam inseridos nos estratos 1 e 2 e que melhoraram de estrato ocupacional, a probabilidade de melhorar o padrão de vida aumenta em 18 p.p. e a probabilidade de piorar reduz em aproximadamente 3p.p.. Já para o grupo 2, mesmo para os filhos que melhoraram o seu nível ocupacional, o efeito não foi significativo.

No que tange ao nível educacional, para o grupo 1, os indivíduos que melhoraram o seu nível educacional, a probabilidade em melhorar o padrão de vida aumenta em 46,37 p.p. e a probabilidade em piorar o padrão de vida reduz em 12,79 p.p.; já para o grupo 2, os resultados também não foram significantes.

Assim, pode-se dizer que os feitos heterogêneos estão em alinhamento com o modelo geral, ratificando que o efeito da variável educação intergeracional na melhoria do padrão de vida dos indivíduos é superior ao da variável ocupacional. Além disso, percebe-se que a condição ocupacional dos pais também influencia nos resultados. Pois, apenas filhos de pais que já pertenciam aos melhores estratos, tiveram efeitos significativos, isso se confirma também para o caso da educação.

De acordo com Arrais, Costa e Guimarães (2020) há uma forte dependência e transmissão de renda entre pais e filhos no Brasil, evidenciando uma forte transmissão de renda. Para os autores, parte dessa transmissão é devido à educação dos filhos, indicando que o aumento significativo na renda desses filhos está relacionado ao alcance de níveis mais elevados de escolaridade. Logo, filhos de pais mais ricos têm maiores oportunidades de acesso à educação, o que se traduz em salários mais altos. Para Britto *et al.* (2022), filhos de pais que estão entre os 20% mais pobres têm 46,1% de chance de permanecer nesse grupo e só 2,5% tem chances de subir ao topo.

Tabela 8 – Efeitos marginais – Condição inicial dos pais por Estratos de Ocupações

Variáveis	Grupo 1: Pais que pertenciam aos Estratos 1 ou 2			Grupo 2: Pais que pertenciam aos Estratos 4 ou 5		
	$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x}$
interocup_melhor	-0.0340* (0.0202)	-0.1468** (0.0747)	0.1808** (0.0869)	0.0428 (0.0486)	0.0735 (0.0806)	-0.1163 (0.1281)
interocup_igual	-0.0270 (0.0265)	-0.0970 (0.0889)	0.1241 (0.1121)	0.0300 (0.0656)	0.0482 (0.0976)	-0.0783 (0.1629)
intereduc_melhor	-0.1279 (0.1130)	-0.3357** (0.1695)	0.4637* (0.2633)	-0.0517 (0.1112)	-0.0775 (0.1437)	0.1292 (0.2542)
intereduc_igual	-0.1516 (0.1106)	-0.3778*** (0.1388)	0.5294** (0.2205)	-0.0565 (0.0572)	-0.1045 (0.1045)	0.1610 (0.1601)
Desc_sup	0.0506 (0.0306)	0.1685 (0.1053)	-0.2191* (0.1274)	-0.0001 (0.0347)	-0.0003 (0.0585)	0.0005 (0.0932)
Sexo (Masc)	0.0213 (0.0248)	0.0776 (0.0986)	-0.0990 (0.1215)	0.0286 (0.0238)	0.0477 (0.0404)	-0.0763 (0.0632)
Casado	0.1078** (0.0484)	0.3549*** (0.0668)	-0.4628*** (0.0691)	-0.1487 (0.0915)	-0.1515*** (0.0564)	0.3003** (0.1389)
Branco	0.0232 (0.0262)	0.0831 (0.0972)	-0.1064 (0.1212)	-0.0086 (0.0235)	-0.0145 (0.0399)	0.0232 (0.0634)
Idade	-0.0013 (0.0014)	-0.0050 (0.0050)	0.0064 (0.0063)	0.0004 (0.0010)	0.0008 (0.0017)	-0.0013 (0.0028)
Num_filhos	-0.0092 (0.0157)	-0.0334 (0.0558)	0.0426 (0.0709)	0.0121 (0.0107)	0.0205 (0.0191)	-0.0327 (0.0294)
NE	-0.0404 (0.0255)	-0.1653* (0.0993)	0.2058* (0.1166)	-0.1015** (0.0516)	-0.1760** (0.0788)	0.2776* (0.1240)
CO	-0.0529** (0.0251)	-0.2115*** (0.0774)	0.2645** (0.0864)	-0.0343 (0.0458)	-0.0642 (0.0931)	0.0985 (0.1382)
SE	0.0148 (0.0392)	0.0523 (0.1292)	-0.0672 (0.1677)	-0.0757 (0.0582)	-0.1300 (0.0918)	0.2058 (0.1469)

Continua

Tabela 8 – Efeitos marginais – Condição inicial dos pais por Estratos de Ocupações

Variáveis	Grupo 1: Pais que pertenciam aos Estratos 1 ou 2			Grupo 2: Pais que pertenciam aos Estratos 4 ou 5		
	$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x}$
SUL	-0.0490** (0.0207)	-0.2016*** (0.0757)	0.2506*** (0.0805)	-0.0712 (0.0462)	-0.1322* (0.0791)	0.2034* (0.1219)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: *** p-valor < 0,01, ** p-valor < 0,05, * p-valor < 0,1.

Na tabela 8, optou-se por considerar duas análises partindo da condição inicial dos pais referentes aos níveis educacionais. Assim, será apresentado os efeitos marginais das variáveis para dois grupos de indivíduos: Grupo 1 - pessoas cujos pais tinham pelo menos o ensino superior de ciclo curto. Grupo 2 - pessoas cujos pais não possui pelo menos o ensino superior de ciclo curto. Para o grupo 1, as variáveis intergeracionais de ocupação não apresentaram efeitos significativos, enquanto para o grupo de indivíduos com pais com menores níveis de escolaridade, mudar a ocupação para um estrato superior, eleva a probabilidade de melhorar as condições de vida em, aproximadamente, 12 p.p.

Outro resultado que merece destaque refere-se aos efeitos das variáveis intergeracionais em educação. Observa-se que todos os indivíduos cujos pais possuem pelo menos o ensino superior de nível curto, elevaram seu nível educacional comparado ao de seus pais, por isso, a variável foi omitida na estimação. Além disso, ainda referente ao grupo 1, constata-se que permanecer com mesmo nível educacional de seus pais, dado que já é elevado, aumenta a probabilidade de melhorar de vida em 98,6 p.p. Para o grupo 2, apenas a variável de permanência intergeracional em educação apresentou significância no modelo.

Tabela 9 – Efeitos marginais – Nível Educacional dos pais

Variáveis	Grupo 1: Pelo menos o Ensino superior de ciclo curto			Grupo 2: Não possui pelo menos o Ensino superior de ciclo curto		
	$\frac{\partial Pr(Y = 1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 3)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 3)}{\partial x}$
interocup_melhor	-0.1197 (0.1855)	-0.4177 (0.5661)	0.5374 (0.6848)	-0.0525* (0.0277)	-0.0729* (0.0374)	0.1254* (0.0638)
interocup_igual	-0.1447 (0.1592)	-0.1628 (0.2144)	0.3076 (0.2069)	-0.0448 (0.0277)	-0.0620 (0.0381)	0.1069 (0.0649)
intereduc_melhor	-	-	-	-0.0745 (0.0798)	-0.0868 (0.0776)	0.1614 (0.1565)
intereduc_igual	-0.9994*** (0.0010)	0.0134*** (0.0158)	0.9860* (0.0167)	-0.0733* (0.0389)	-0.1133* (0.0629)	0.1867* (0.1000)
Desc_sup	0.8664*** (0.1658)	0.1276*** (0.1604)	-0.9941 (0.0089)	0.0349 (0.0355)	0.0436 (0.0409)	-0.0785 (0.0760)
Sexo (Masc)	0.0822 (0.1224)	0.1049 (0.2850)	-0.1872 (0.3857)	0.0137* (0.0207)	0.0188 (0.0287)	-0.0325 (0.0493)
Casado	0.1068 (0.0917)	0.3408 (0.3504)	-0.4476* (0.3121)	-0.1619* (0.0875)	-0.1294*** (0.0376)	0.2914** (0.1196)
Branco	-0.0882 (0.2021)	-0.1082 (0.1841)	0.1965 (0.3295)	-0.0270 (0.0203)	-0.0374 (0.0285)	0.0644 (0.0484)
Idade	0.0111 (0.0154)	0.0152 (0.0228)	-0.0264 (0.0277)	-0.0007 (0.0008)	-0.0009 (0.0012)	0.0016 (0.0020)
Num_filhos	-0.1057 (0.1333)	-0.1445 (0.1601)	0.2503 (0.1552)	0.0075 (0.0081)	0.0103 (0.0111)	-0.0178 (0.0191)
NE	-0.0210 (0.3779)	-0.0362 (0.8678)	0.0572 (1.2455)	-0.1074*** (0.0315)	-0.1626*** (0.0463)	0.2700*** (0.0729)
CO	-0.1008 (0.1191)	-0.1670 (0.3679)	0.2679 (0.4410)	-0.0442 (0.0349)	-0.0696 (0.0619)	0.1139 (0.0961)
SE	0.4674 (0.8742)	-0.0085 (0.6171)	-0.4589 (0.3181)	-0.0500 (0.0418)	-0.0700 (0.0582)	0.1201 (0.0993)

Continua

Tabela 9 – Efeitos marginais – Nível Educacional dos pais

Variáveis	Grupo 1: Pelo menos o Ensino superior de ciclo curto			Grupo 2: Não possui pelo menos o Ensino superior de ciclo curto		
	$\frac{\partial Pr(Y = 1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 3)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y = 3)}{\partial x}$
SUL	0.0424 (0.3284)	0.0408 (0.1673)	-0.0832 (0.4869)	-0.0916*** (0.0304)	-0.1434*** (0.0472)	0.2350*** (0.0740)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: *** p-valor < 0,01, ** p-valor < 0,05, * p-valor < 0,1.

Logo, evidenciou-se que a condição inicial educacional dos pais tem forte relevância na trajetória educacional dos filhos. Visto que filhos de pais com maior grau de escolaridade têm uma maior probabilidade de alcançar uma mobilidade educacional ascendente.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo ampliar o debate existente na literatura sobre a mobilidade intergeracional, investigando a relação entre a mobilidade intergeracional de ocupação, educação e a mobilidade intergeracional de padrão de vida no Brasil. Buscou-se uma análise inovadora a partir do uso das duas variáveis ocupação e educação juntas e seus efeitos sobre o padrão de vida das pessoas. Quanto à base de dados, optou-se por usar os dados mais recentes da base *World Values Survey* para o ano de 2018, até então não utilizada no Brasil para essa finalidade.

A metodologia adotada foi a estimação de um modelo *Logit* multinomial ordenado, de forma a capturar a mudança intergeracional no padrão de vida dos filhos, considerando as mobilidades intergeracionais de ocupação e educação. Destaca-se ainda que, para a variável ocupação utilizou-se o modelo de estratificação de ocupação apresentado por Jannuzzi (2001, 2003), fazendo uma adequação as classificações ocupacionais disponíveis na base da *World Values Survey*.

Constatou-se previamente que 11,16% dos indivíduos da amostra final pioraram o seu padrão de vida em relação ao de seus pais, enquanto, 19,02% permaneceram na mesma posição e 69,82% melhoraram. No que tange à ocupação, mais de 80% dos indivíduos permaneceram ou migraram para estratos superior ao de seus pais e apenas 20% descenderam. Em relação ao nível educacional, pôde observar que, aproximadamente 97% dos indivíduos permaneceram ou melhoraram a educação comparado a seus pais.

Os efeitos marginais sugerem que a probabilidade de o indivíduo melhorar o padrão de vida comparado ao de seus pais aumenta com a melhoria do estrato ocupacional, em 11,6 p.p. e a probabilidade de o indivíduo piorar o padrão de vida reduz em, aproximadamente, 5 pontos percentuais. No que tange à educação, os resultados apontam que o impacto dessa variável na melhoria do padrão de vida é mais acentuado que o impacto da variável ocupação, revelando que os filhos com melhor nível educacional que de seus pais aumentam a probabilidade de melhorar o padrão de vida em 25 p.p. e reduz a probabilidade de piorar tal padrão em 12 p.p..

Para os resultados dos efeitos heterogêneos, considerando a condição inicial dos pais nos estratos ocupacionais, os efeitos marginais das variáveis mostram que, para os filhos cujos pais estavam inseridos nos estratos 1 e 2 (ocupações com maiores remunerações) e que melhoraram de estrato ocupacional, a probabilidade de melhorar o padrão de vida aumentou

em 18 p.p. e a probabilidade de piorar reduziu em aproximadamente 3p.p.; já para os estratos 4 e 5 (ocupações menos remuneradas), os resultados não foram significativos.

Considerando a condição inicial dos pais em relação à educação, considerando dois grupos na análise: grupo 1 filhos de pais que possuem pelo menos o ensino superior de ciclo curto, e grupo 2 filhos de pais que não possuem. Para o grupo 1, nota-se que manter o mesmo nível educacional dos pais, aumenta a probabilidade de melhorar de vida em 98,6 p.p. No caso do grupo 2, que inclui indivíduos cujos pais têm níveis de escolaridade mais baixos, apenas a variável relacionada à igualdade educacional apresentou significância no modelo.

Logo, assim como o modelo geral, ratifica-se que o efeito da variável educação intergeracional na melhoria do padrão de vida dos indivíduos é superior ao da variável ocupacional e conclui-se que a condição inicial de ocupações e de educação dos pais influencia nos níveis de padrão de vida dos filhos, mesmo estes melhorando os estratos ocupacionais e educacionais.

Diante do acima exposto, pode-se inferir que a mobilidade de renda intergeracional no Brasil está intrinsecamente ligada às variáveis intergeracionais de educação e ocupação, com destaque para a primeira. Assim, o presente estudo corrobora com o já verificado em outros trabalhos desenvolvidos em âmbito nacional, que filhos de pais com condições socio ocupacionais mais elevadas tendem a obter melhores padrões de vida.

Aqueles que têm acesso a uma educação de qualidade têm maior probabilidade de alcançar uma posição econômica mais elevada do que seus pais. Essa relação entre a educação dos pais e o padrão de vida dos filhos reflete não apenas a transmissão de recursos financeiros, mas também a transmissão de habilidades e valores sociais que acompanham uma educação mais robusta. Portanto, investimentos em educação desde a primeira infância desempenham um papel crucial na quebra de ciclos de desigualdade e na promoção de uma sociedade mais justa e mais igualitária.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Filipe Sousa; CRUZ, Mércia Santos. Análise de Mobilidade Intergeracional no Brasil: perspectivas a partir das rendas dos pais e mães. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA*, 51., 2023, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPEC, 2023.
- ANTHONY, F. Heath; YIZHANG, Zhao. **Occupational mobility in developing countries: Conceptual issues and empirical findings**. WIDER Working Paper, No. 2019/96, ISBN 978-92-9256-732-3, The United Nations University World Institute for Development Economics Research (UNU-WIDER), Helsinki. Disponível em: <<https://doi.org/10.35188/UNU-WIDER/2019/732-3>>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- ARAÚJO, Adriano Firmino; NETTO JR., José Luis da S.; SIQUEIRA, Liedje Bettizaide Oliveira. Mobilidade Intergeracional Educacional no Brasil: Uma Análise Comparativa dos Anos de 1996 e 2014. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 16, n. 1, p. 91-112, 2022.
- AZOMAHOU, Théophile T., YITBAREK. Eleni. Intergenerational Mobility in Education: is Africa Different? **Contemporary Economic Policy**, v. 39, p. 503-523, 2021. (ISSN 1465-7287).
- BECKER, Gary S.; KOMINERS, Scott Duke; MURPHY, Kevin M.; SPENKUCH, Jörg L. A Theory of Intergenerational Mobilit. **Journal of Political Economy**, v. 126, n. S1, 2018.
- BRITTO, Diogo G. C.; FONSECA, Alexandre; PINOTTI, Paolo; SAMPAIO, Breno; WARWAR, Lucas. **Intergenerational Mobility in the Land of Inequality**. CESifo Working Paper n. 10004, 2022. Disponível em: <<https://www.cesifo.org/en/wp>>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- CARRERA, Jaime Alonso; CABALLE, Jordi; RAURICH, Xavier. Intergenerational Mobility in Education and Occupation. **Macroeconomic Dynamics**, Cambridge University Press, v. 24, n. 2, p. 291-326, 2020. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core>>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Relatório Técnico. **Ciclos Curtos de Ensino Superior**. 2014. Disponível em: <https://www.cnedu.pt/content/edicoes/estudos_e_relatorios/RelatorioTecnico_CCES_Final_5.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- CRUZ. Gabriela Freitas. **Mobilidade intergeracional de renda no Brasil: uma análise da evolução nos últimos 20 anos**. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA*, 47., 2019, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPEC, 2019.
- DESIGUALDADES MUNDIAIS 2022. **World Inequality Lab** (Laboratório das Desigualdades Mundiais. Disponível em: <https://wir2022.wid.world/www-site/uploads/2023/03/D_FINAL_WIL_RIM_RAPPORT_2303.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2024.

DORUK, Ömer Tuğsal; YAVUZ, Hasan Bilgehan; PASTORE, Francesco. **Intergenerational Occupational Mobility in Latin American Economies: An Empirical Approach**. GLO Discussion Paper Series 489, Global Labor Organization, 2020.

FERREIRA, S.; VELOSO, F. Mobilidade intergeracional de educação no Brasil. **Pesquisa e planejamento econômico**, v. 33, p. 481-583, 2003.

GARCIAS, Marcos O.; KASSOUF, Ana L. Intergenerational mobility in education and occupation and the effect of schooling on youth's earnings in Brazil. **Economia**, v. 22, n. 2, p. 100-113, ago. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.econ.2021.05.001>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

GOLDTHORPE, J. H. **Social mobility and class structure in modern Britain**. New York: Oxford University Press, 1992

GOMES, Magno Rogerio. **Transmissões Intergeracionais das Ocupações e da Educação: da “Armadilha da Pobreza” ao “Ciclo Virtuoso da Riqueza”**. 2021. 116f. Tese (Doutorado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Departamento de Economia, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/358806676>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

GUIMARÃES, Daniel Barbosa; ARRAES, Ronaldo Albuquerque; COSTA, Edward Martins. Efeitos do Background Familiar sobre os Rendimentos via mediação da educação. **Pesquisa e planejamento econômico**, v. 50, n. 1, 2020.

INSTITUTO MOBILIDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL – IMDS. **Mobilidade Social no Brasil: Uma análise da primeira geração de beneficiários do Programa Bolsa Família**. Rio de Janeiro, RJ. 2023.

JANNUZZI, P. de M. Status socioeconômico das ocupações brasileiras: medidas aproximativas para 1980, 1991 e anos 90. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 61, p. 47-74, 2001b.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Estratificação Socioocupacional para estudos de mercado e pesquisa social no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, v. 17, n. 3-4, p. 247- 254, 2003.

KIRSCH, M.; BEERNAERT, Y. **Short Cycle Higher Education in Europe – Level 5: The Missing Link**. European Association of Institution of Higher Education, Brussels, 2011.

MAHLMEISTER, Rodrigo; FERREIRA, Sergio Guimarães; VELOSO, Fernando; MENEZES FILHO, Naercio; KOMATSU, Bruno Kawaoka. Revisitando a Mobilidade Intergeracional de Educação no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 73, n. 2, Abr–Jun. 2019.

MITNIK, Pablo A.; CUMBERWORTH, Erin; GRUSKY, David B. **Social mobility in a high-inequality regime**. The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, 2016.

MOTTA, A. M.; PARENTE, C. P. Reprodução intergeracional da pobreza: o caso do complexo de favelas do São João – Rio de Janeiro – Brasil. **Investigação Qualitativa em**

Ciências Sociais (Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales), v. 3, p. 410-421, 2018. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117612/2/303487.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

NYBOM, Martin. **Intergenerational mobility A dream deferred?** ilo future of work research paper series, 2018.

OLIVEIRA, Camilla de. **Mobilidade sócio-ocupacional no Brasil no novo milênio**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências – Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2018.

OLIVEIRA, Camilla; HOFFMANN, Rodolfo. Mobilidade sócio-ocupacional no Brasil: novo procedimento para delimitação dos estratos ocupacionais e análise dos dados da PNAD de 2014. **Sociologias**, v. 23, n. 57, p. 208-238, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/15174522-103252>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

OLOOMI, Sara. **Parental Education and Skill Indicators of Children: An Intergenerational Mobility Study**. Washington, DC, 2020.

PASTORE, José. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: TA Queiroz, 1979.

PASTORE, José. Análise dos Processos de Mobilidade Social no Brasil no Último Século. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25., 2001, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2001.

RELATÓRIO OCDE. **“A Broken Social Elevator? How to Promote Social Mobility”**. Paris: OECD Publishing. 2018. Disponível em: <<https://www.oecd.org/social/broken-elevator-how-to-promote-social-mobility-9789264301085>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

RIBEIRO, Carlos A. C. Mobilidade e Estrutura de Classes no Brasil Contemporâneo. **Sociologias**, v. 16, n. 37, p. 178-217, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/15174522-016003711>>. Acesso em: 01 nov. 23.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Mudanças nas famílias dos jovens e tendências da mobilidade social de brancos e negros no Brasil. **CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 257-279, 2020.

SCALON, Celi. **Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

SENADO FEDERAL. **Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>>. Acesso em: 30 set. 2023.

SOLON, Gary. Cross-country differences in intergenerational earnings mobility. **The Journal of Economic Perspectives**, v. 16, n. 3, p. 59-66, 2002.

TEJEDA, C. A. O.; BERTOLDI, Andréa D.; CARRARO, André; RIBEIRO, Felipe Garcia; MOTTA, Janaina Vieira dos Santos; BARROS, Fernando Celso; HORTA, Bernardo Lessa;

BARROS, Aluísio J. D. Pai pobre, filho pobre? Uma análise da mobilidade intergeracional de renda na coorte de nascimentos de 1982, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 6, p. 1225-1233, jun. 2015.

VALLE SILVA, N. **Uma proposta de classificação das ocupações brasileiras**. LNCC, 1992. Mimeografado.

WEIDE, Roy van der; LAKNER, Christoph; MAHLER, Daniel Gerszon; NARAYAN, Ambar; RAMASUBBIAH, Rakesh. **Intergenerational Mobility around the World**. 2021. Disponível em: <<https://papers.ssn.com/>>. Acesso em: 01 nov. 23.

ZHOU, Ni.; YE, Chunhui; JI, Chen. Human capital matters: intergenerational occupational mobility in rural China. **Applied Economics**, v. 55, n. 1, p. 1-19, jan. 2023. DOI: 10.1080/00036846.2021.1927964. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/0003684.2021.1927964>>.